

CONSERVADORES PARTIDOS: AS COMPOSIÇÕES POLÍTICAS DO PARTIDO CONSERVADOR EM AÇU, NO RIO GRANDE DO NORTE (1876 -1884)¹

Cecil Vinicius Olivar Oliveira Guerra

Graduando em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Vinculado aos Grupo de Pesquisa “Espaços da Modernidade” (UFRN), sob orientação do professor Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha (UFRN) e “Memórias e escritos do ensino de História” (UNIFESP), coordenada pelo Dr. Antonio Simplício de Almeida Neto (UNIFESP). É bolsista de Iniciação Científica (PIBIC).

E-mail para contato: cecilvinicius@hotmail.com

¹ Uma primeira versão reduzida deste trabalho foi apresentada no “I Encontro Imperial”, promovida pelo Laboratório de Experimentação em História Social e pelo Departamento de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

CONSERVADORES PARTIDOS: AS COMPOSIÇÕES POLÍTICAS DO PARTIDO CONSERVADOR EM AÇU, NO RIO GRANDE DO NORTE (1876 -1884)**BROKEN CONSERVATIVES: THE POLITICAL ARRANGEMENT OF THE CONSERVATIVE PARTY IN AÇU, RIO GRANDE DO NORTE (1876-1884)**

Cecil Vinicius Olivar Oliveira Guerra

RESUMO

O objetivo do trabalho é analisar as disputas no seio do Partido Conservador, em Açú, a partir da trajetória do jornalista Elias Souto. A meta é, por um lado, identificar as redes de sociabilidade presentes no Partido Conservador; e, por outro, analisar como essas redes foram mobilizadas por dois grupos que disputavam o comando local do Partido. O estudo está ancorado teoricamente nos conceitos de cultura política (BERSTEIN, 1998) e de ação (SOUZA, 2008), bem como no método indiciário (GINZBURG, 1989). As principais fontes consultadas foram os jornais *Brado Conservador* e o *Jornal de Açú*. A partir da análise do comportamento dos membros do partido, o estudo concluiu, por um lado, que o Partido Conservador não constituía um bloco homogêneo; e, por outro, que as disputas políticas dentro do Partido eram expressões de uma cultura política mais ampla existente na sociedade, o que explica as estratégias de luta adotadas pelos grupos a partir dos mecanismos disposto no próprio cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE:

Cultura Política; Partido Conservador no Império; Poder local no Império.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the disputes within the Conservative Party in Açú, based on the trajectory of the journalist Elias Souto. The goal is, on the one hand, to identify the networks of sociability present in the Conservative Party; and on the other hand to analyze how these networks were mobilized by two groups that disputed the local command of the Party. The study is anchored theoretically in the concepts of political culture (BERSTEIN, 1998) and action (SOUZA, 2008), as well as in the indicial method (GINZBURG, 1989). The main sources consulted were the newspapers *Brado Conservador* and *Jornal de Açú*. From the analysis of the party members' behavior, the study concluded, on the one hand, that the Conservative Party did not constitute a homogeneous bloc; and on the other, that political disputes within the Party were expressions of a broader political culture existing in society, which explains the strategies of struggle adopted by the groups from the mechanisms disposed in their daily lives.

KEY WORDS:

Political Culture; Conservative Party in the Empire; Local power in the Empire.

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Examinando os periódicos locais da cidade de Açú², publicados durante o segundo Império, em especial o jornal *Brado Conservador*, um fato nos chamou a atenção: duas tendências que se atacavam mutuamente no Partido Conservador. Nos periódicos examinados percebemos nitidamente que esse Partido estava distante de ser um bloco partidário possuidor de uma unidade. Diante dessa constatação, algumas questões emergiram: Como se dava a organização interna do Partido Conservador em Açú? Quais os grupos e interesses políticos existente nesse Partido? Que redes de sociabilidade existiam nessa agremiação? Quais estratégias políticas estes indivíduos adotaram? Como essas redes foram construídas e consolidadas?

Levando em consideração, por um lado, o nosso interesse pelos estudos biográficos, e, por outro, o fato de ter encontrado nos jornais, o jornalista Elias Souto como o nome mais comum nos debates, entre as duas tendências políticas por nós detectadas entre os membros do Partido Conservador em Açú, optamos por transformar esse personagem no eixo de nossa investigação e, a partir dele, tentar compreender as estratégias de disputa entre os dois grupos distintos que compunham o Partido Conservador em Açú.

Nesses termos, o objetivo geral é perceber a configuração do Partido Conservador em Açú, a partir da trajetória de Elias Souto. Para isso, identificamos os membros que compuseram o Partido Conservador em Açú, os diferentes grupos políticos que o constituíam, bem como conhecemos as estratégias adotadas por esses diferentes ajuntamentos na disputa pelo controle do Partido. Nossa pretensão é elaborar duas redes de sociabilidade: uma com os personagens que mantiveram relações afetivas com Elias Souto, e outra com os personagens que eram seus desafetos.

O estudo está delimitado temporalmente ao período compreendido entre 1876 e 1884. Elias Souto viveu em Açú até 1874, quando se mudou dessa cidade para a Villa do Príncipe³, onde permaneceu até o final do ano de 1876. O momento em que ele retornou a Açú é o marco inicial desse texto. A escolha de 1884 como marco final da análise se deve ao fato de que neste ano, ele se mudou para Macau, provavelmente em virtude de ter ficado

² A grafia “Açú” aparece continuamente na documentação, apesar de encontrarmos, com menor frequência, a palavra grafada como Assú. Em virtude da maior utilização da grafia “Açú”, optei por utiliza-la ao longo do texto.

³ Atualmente, a cidade é conhecida como Caicó.

politicamente enfraquecido na cidade. Entre 1876 e 1884, Elias Souto disputou a chefia do Partido Conservador em Açu, rivalizando com o grupo liderado por Antônio Soares Macedo.

Durante as décadas de 1870 e 1880, fervia a vida literária na cidade de Açu, com o surgimento de diversos jornais. A primeira tipografia situada em Açu, pertenceu a João Carlos Lins Wanderley, e foi aberta em 1865. No mesmo ano, o jornal *Assuense* passou a ser impresso na dita tipografia. Nos anos seguintes foram abertas mais quatro tipografias, de propriedade particular de cada um desses indivíduos: João Carlos Wanderley, Elias Souto, Antônio Soares de Macêdo e Joaquim Sá Leitão (LIMA, 1990). Entre essas décadas, diversos jornais foram fundados, e publicados, tais como: *Assuense*, *Dois Amigos*, *Lanceta*, *Muleta*, *Aurora*, *Sertanejo*, *Jornal do Açu*, *Vagalume*, *Primavera*, *Verão*, *Rosa*, *Saudade*, *Beija-flor*, *Escova*, *Cacete*, *Assuense*, *Abolição*, *Brado Conservador* e *Lyrrio*. Entretanto, a maioria desses jornais tiveram vida curta, não passando de três a quatro publicações. Destes jornais publicados, só é possível encontrar atualmente alguns exemplares do *Brado Conservador*, uma edição do *Jornal do Açu* e uma outra do *Sertanejo*.

Dessa forma, tivemos acesso a poucas fontes sobre Elias Souto, no período analisado. Por isso, não foi possível cruzar fontes diversas sobre os episódios que serão narrados por nós ao longo do texto. As principais fontes utilizadas por nós foram o jornal *Brado Conservador* e o *Jornal de Açu*, ambos acessados a partir do sítio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Em alguns momentos, não foi possível identificar o *Jornal de Açu* em sua leitura original, pois só tivemos acesso a trechos publicados em outros periódicos. No geral, o trabalho consistiu em ler as matérias publicadas, identificando os personagens, as ideias referentes a eles, e os vínculos políticos que mantinham.⁴

Talvez por não existir tantas fontes sobre o Império, no Rio Grande do Norte, organizadas de forma sistemática, poucos trabalhos se debruçaram sobre a temática da política, na província, entre os anos de 1824 até 1889. Os poucos trabalhos que tiveram esse tema como objeto de estudo, privilegiaram em suas análises o período da Proclamação da República (POMBO, 1920); (LYRA, 1919); (CASCUDO, 1955). Nessas obras, o regime republicano é entendido como parte necessária do progresso e da civilização. Nessas perspectivas, a República proclamada no Rio Grande do Norte não foi alvo de discordâncias,

⁴ Falo especificamente do período estudado porque há um grande número de fontes disponíveis sobre Elias Souto no que se refere a sua atuação como opositor do grupo liderado por Pedro Velho, nos anos iniciais do período republicano.

nem de disputas, já que todos estavam cientes dos progressos que o novo regime traria. Por conseguinte, o Império é visto como símbolo político do atraso, suplantado em detrimento da evolução (ROCHA, 2009).

Estudos mais recentes, problematizam essas visões, e enfatizam a presença de disputas entre diferentes grupos políticos no momento de proclamação da república (BUENO, 2002); (LINDOSO, 1992). Após uma pesquisa de fôlego, Bueno constatou a existência de ao menos três vertentes diferentes de republicanismos difundidas no Rio Grande do Norte, problematizando a ideia de que a República, no Rio Grande do Norte, foi proclamada de modo consensual. Além disso, o autor trata da Proclamação da República, desassociando a República e o progresso como complementos naturais.

Entretanto, não há, diante do pesquisado por nós, estudos sistemáticos sobre as disputas políticas partidárias travadas no âmbito das localidades no Rio Grande do Norte, durante o Império, antes de Proclamação da República. Tampouco, há trabalhos que reflitam sobre as estratégias adotadas, no cotidiano, pelos diferentes grupos políticos que integravam os partidos. Enxergando a falta de trabalhos com essa preocupação, inserimo-nos nessa lacuna. Tendo em vista o nível da análise proposta, ficaremos satisfeitos caso o presente texto estimule novos estudos sobre esse tema de pesquisa.

Do ponto de vista teórico o texto se utilizou dos estudos vinculados à *Nova História Política*, aplicando, sobretudo, as análises que discutem o papel desempenhado pela cultura na adoção de práticas políticas. Com base nessa lógica, este trabalho parte de dois pressupostos: o primeiro deles é que os indivíduos agem politicamente partir de determinados valores, crenças, ideologias, convicções (BERSTEIN, 1998). O segundo pressuposto é que, contemporaneamente, o campo da história política se dedica aos estudos que contemplam a dimensão do cotidiano, as formas de pensar dos indivíduos e as estratégias adotadas a partir desse pensamento (FALCON, 2011. p. 60). Portanto, este trabalho foi construído almejando ultrapassar uma concepção que restringe os estudos às práticas exercidas unilateralmente pelo Estado.

Ainda do ponto de vista teórico, foi muito importante o conceito de *ação*, nos moldes apresentados por Adriana Barreto de Souza. Para essa autora, a *ação* diz respeito ao que há de “consciente nas escolhas de um indivíduo, numa conduta que pretende atingir determinados fins, fundados em projetos pessoais ou coletivos e, no caso, voltados para a política (SOUZA, 2008, p.39).

As reflexões do historiador Carlo Ginzburg sobre o paradigma indiciário foram de suma importância para a reconstituição das redes de sociabilidade do Partido Conservador em Açú, bem como para entendermos as disputas no seio deste partido. Para esse historiador, na segunda metade do século XIX, historiadores da arte começaram a interpretar os quadros a partir de detalhes, de pormenores, das minúcias do desenho dos artistas, a saber “os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés” (GINZBURG, 1989, p. 144). Considerando essa lógica, Ginzburg apresenta luzes metodológicas para a pesquisa histórica ao indicar a possibilidade de adoção do “método indiciário”. Aplicando essa lógica de investigação na nossa pesquisa, nos atentamos aos indícios, aos detalhes das fontes.

Didaticamente, o texto está dividido em três partes. Na primeira delas, discutimos o momento em que Elias Souto regressou para a cidade de Assú, fundou o *Jornal de Açú* para rivalizar com o *Brado Conservador*. Na segunda parte, apresentamos as redes de sociabilidades tecidas pelos grupos políticos existentes no interior do Partido Conservador, evidenciando de que forma estas eram utilizadas de forma estratégica nas disputas internas. Na terceira e última parte, discutiremos o resultado das eleições do ano de 1880 e as implicações destas nas estratégias de disputadas adotadas por Elias Souto até então.

A VOLTA DE ELIAS SOUTO PARA AÇU E A FUNDAÇÃO DO JORNAL DE AÇU

Baseando-se nos jornais publicados na cidade de Açú no final do ano de 1877, é possível mapear dois grupos que disputavam o controle do Partido Conservador, na esfera municipal. Um desses grupos era liderado pelo jornalista Elias Souto e divulgava suas ideias no *Jornal de Açú* (capitaneado financeiramente pelo Dr. Maranhense⁵). O outro grupo, liderado por Antônio Soares de Macêdo, tinha como órgão de divulgação o *Brado Conservador*. Paralelamente à imprensa conservadora, os Liberais expressavam suas ideias nas páginas do *Correio do Assú*, de propriedade de João Carlos Wanderley. Esses jornais permitiram acompanhar as disputas políticas que aconteciam na cidade. Entretanto, nesse texto, analisaremos, especificamente, os dois jornais conservadores.

Nas eleições municipais de 1876, os liberais conquistaram a maioria das cadeiras da Câmara Municipal de Açú, derrotando contundentemente o Partido Conservador. Segundo o

⁵ Trata-se do Juiz de Direito da Comarca de Açú, Dr. Fernando Maranhense da Cunha, vinculado aos Conservadores.

Brado Conservador, órgão que defendia o partido derrotado, as eleições foram fraudulentas e os “direitos políticos dos cidadãos conservadores foram humilhados de um modo grosseiro e revoltante” (BRADO CONSERVADOR, 1877, p. 3). Em virtude disso, Antônio Soares de Macedo, presidente do Partido Conservador de Açú, pediu a nulidade das eleições municipais. O pleito dos conservadores não foi aceito pelo juiz de Direito da Comarca, Dr. Fernando Maranhense da Cunha, vinculado aos conservadores. Ao que tudo indica, nesse momento, o Dr. Maranhense e Elias Souto estavam se aproximando, o que pode explicar o motivo de a reivindicação do grupo majoritário do Partido Conservador não ter sido atendida.

Não é objetivo deste trabalho analisar se houve ou não fraude nas eleições. O que queremos destacar é o fato de que, com ou sem armação, os liberais se tornaram maioria na Câmara Municipal. O fato é que, por causa do seu julgamento, o Dr. Fernando Maranhense da Cunha, que era vinculado ao Partido Conservador, ficou desacreditado frente ao seu próprio partido, e ganhou corpo uma campanha, liderada por Antônio Soares Macêdo, contra ele. Tal campanha, encabeçada pelo presidente do partido, objetivava expulsá-lo da cidade, e do partido, por causa do seu julgamento.

Em 1874, o jornalista Elias Souto também exercia a função de professor primário na cidade de Açú. Nesse ano, em razão de perseguições políticas, foi transferido para a Vila do Príncipe. Segundo o jornal *Brado Conservador*, Souto havia sido remanejado como medida corretiva por estar “perturbando a paz e a tranquilidade de algumas famílias” (BRADO CONSERVADOR, 1877, p.1). Estas famílias eram, sobretudo, as de Luiz Francisco de Araújo Picado e Antônio Soares de Macedo.

A transferência de Elias Souto para a Villa do Príncipe foi uma ação do Presidente de Província Bandeira de Mello, possivelmente influenciado por Antônio Soares de Macedo⁶. Mesmo antes de 1874, Elias Souto e sua família já pertenciam ao Partido Conservador, atuante em várias cidades da província do Rio Grande do Norte.

Após um período de dois anos na Villa do Príncipe, no final do ano de 1876 Elias Souto voltou a exercer sua função de professor primário em Açú. Esse retorno está associado ao fato de que Bandeira de Mello tinha saído da Presidência da província e foi substituído por Alarico Furtado, que não manteve a postura do seu antecessor, permitindo o regresso de Elias

⁶ As relações políticas entre Bandeira de Mello e Antônio Soares Macedo eram muito estreitas. A partir desse relacionamento, é possível entender uma série de ações do Presidente da província. Usei a expressão “possível influência” por não encontrar uma documentação que explicitasse a atuação de Macedo para a tomada dessa decisão específica.

Souto. A volta do professor a Açú foi “saudada” pelo *Brado Conservador* nos seguintes termos: “Parece que o professor Elias Souto não aproveitou a lição dada pelo Exm. Ex. Presidente desta província, o Sr. Dr. Bandeira de Mello Filho, removendo-o para a cadeira da instrução primária da cidade” (BRADO CONSERVADOR, 1877, p.1). Essa saudação do *Brado Conservador* está diretamente relacionada ao fato de Elias Souto ter, mais uma vez, fundado um jornal que fazia oposição aos seus adversários⁷. Isso significa que o retorno de Elias Souto a Açú foi marcado pela retomada das disputas políticas passadas.

A movimentação oposicionista de Elias Souto a uma parte do Partido Conservador em Açú estimulou que ele próprio procurasse aliados políticos no seio do partido. Dessa forma, se explica a sua aliança com o Dr. Maranhense, que também fazia oposição ao grupo que chefiava os conservadores naquele momento⁸.

Segundo o *Brado Conservador*, a aliança entre o Dr. Maranhense e Elias Souto tinha por objetivo desestruturar o Partido Conservador. Essa ideia é expressa no jornal da seguinte forma:

lembrou-se o dr. Maranhense de aparentar o segundo partido conservador no Assú e, inspirando a compra de uma typographia ao professor Elias Antônio Ferreira Souto, seu íntimo e subserviente amigo, pretendeu estabelecer a desordem no grêmio dos conservadores, acenando ao professor com a chefia do novo partido (BRADO CONSERVADOR, 1877, p. 1).

Da aliança entre Elias Souto e Dr. Maranhense foi fundado, ainda no ano de 1877, o *Jornal de Açú*, provocando uma cisão no Partido Conservador e ampliando a sua fragilidade, que havia sido iniciada com o seu baixo desempenho nas eleições de 1876. Esse periódico passou a fomentar velhas e novas polêmicas. Para fazer frente à aliança entre Elias Souto e Dr. Maranhense, Antônio Soares de Macedo organizou uma campanha para retirar o magistrado da cidade de Açú.

Sobre o episódio da fundação do Jornal de Elias Souto, o *Brado Conservador* criticou profundamente o novo periódico, afirmando que o mesmo não tinha condições de se considerar conservador, por ter rompido com seus correligionários (BRADO

⁷ Elias Souto tinha a prática de fundar jornais nas diversas cidades em que constituía residência. Os jornais eram, em geral, perseguidos pelos grupos políticos que estavam no poder.

⁸ Há grande probabilidade de, nesse período, ter ocorrido uma reorganização partidária no seio do Partido Conservador no Rio Grande do Norte. Isso por que a saída de Bandeira de Mello do poder favoreceu a ocorrência de disputas no seio do Partido. Ao que tudo indica, o debate político em Açú era mais contundente do que nas outras cidades e vilas do Rio Grande do Norte, tendo em vista que nessa cidade se encontrava o maior número de periódicos. Em Natal, capital da província, por exemplo, só existia um jornal do Partido Conservador e um do Partido Liberal. Em Açú, havia um jornal liberal e dois jornais conservadores.

CONSERVADOR, 1877, p. 2). Essa crítica do *Brado Conservador*⁹ explicita as polêmicas que passaram a ser publicadas tanto no *Brado Conservador* quanto no *Jornal do Açú*. Os dois periódicos criticavam-se mutuamente e apresentavam-se como “órgão genuíno” do Partido Conservador. Tal polêmica se intensificou quando, em 1877, o *Correio de Assú*, jornal do Partido Liberal, elegeu o *Jornal do Açú*, como o “órgão oficial do Partido Conservador”. Revoltado com essa posição do *Correio de Assú*, o *Brado Conservador* publicou diversos artigos contestando a posição do jornal de Açú como órgão oficial do Partido Conservador e de Elias Souto como líder dessa agremiação:

Quando os partidos tomaram aqui posição definida, o professor Elias Souto nem ao menos se fez conduzir a urna para ali depositar um voto para o seu partido, único serviço que lhe poderia prestar; e não obstante foi considerado em uma de suas chapas. Entretanto, é este o homem a quem o *Correio empresta o título de órgão genuíno* (BRADO CONSERVADOR, 1877, p. 1).

Essas disputas se arrastaram por todo ano de 1877 e nelas se envolveram diversas personagens.

DISPUTAS NO PARTIDO CONSERVADOR

Várias estratégias foram adotadas pelo *Brado Conservador* com vistas a descreditar a ala do Partido Conservador organizada por Elias Souto e Dr. Maranhense¹⁰. Uma delas foi questionar quem seriam os indivíduos que faziam parte dessa ala. Os apoiadores desse jornal eram membros das famílias Soares, Barbalho, Fonseca, Barros e Amorim.

Por meio de um artigo publicado por Elias Souto¹¹, conseguimos identificar os sujeitos que seriam seus correligionários na cidade: Dr. Fernando Maranhense da Cunha, Dr. Francisco Ferreira de Novaes Junior, tenente coronel José Carlos de Carvalho, delegado João Arruda Câmara, subdelegado José Maria da Costa, Ignácio Dias de Lacerda, José Barbosa Pimentel, João Ribeiro Pessoa de Mello, subdelegados de oficinas Antônio Correia de Menezes, João Manoel da Câmara, Tenente Antônio Victor de Melo.

⁹ O *Brado Conservador* a que nos referimos começou a ser publicado no ano de 1876. Dizia-se “folha política, moral e noticiosa”. Antes e depois desse período, existirão outros periódicos publicados em Açú com o mesmo título.

¹⁰ Quando da transferência de Dr. Maranhense para outra cidade, o *Brado Conservador* parou de mencionar o referido Juiz, focalizando apenas em Elias Souto.

¹¹ A possibilidade de consultar essa lista se deu porque ela foi reproduzida pelo jornal *Brado Conservador*, em edição de 12 de outubro de 1877.

Não conseguimos verificar quem seriam todos estes sujeitos, mas conseguimos ter uma ideia geral sobre a rede de sociabilidade tecida por Elias Souto no Partido Conservador. Primeiramente, é possível perceber que nenhum indivíduo que ocupava cargos na diretoria do Partido fazia parte da rede tecida por Elias Souto. Ao que tudo indica, o grupo de Elias Souto visava disputar a liderança do partido.

Se estas redes não garantiram inicialmente o controle interno do Partido, garantiram, pelo menos, uma posição privilegiada a Elias Souto nas disputas com o outro grupo. Em julho de 1877, o novo *Juiz Municipal de Termo*, Dr. Novaes Junior, e o delegado de polícia Arruda Câmara (ambos pertencentes a sua rede de sociabilidade) prenderam dois filhos de Antônio Soares de Macedo, acusando-os de terem caluniado e difamado Elias Souto. Em virtude disso, foi determinado pelo Juiz Municipal que o jornal não poderia mais fazer menção a Elias Souto. A partir de então, o nome de Elias Souto passou a ser pouco citado até o final do ano de 1877, quando foi iniciada pelo jornal uma campanha contra ele, que tinha como objetivo afastá-lo ou remanejá-lo do cargo de professor primário de instrução pública de Assú. Segundo o jornal,

O professor de instrução primária da cadeira 1º gral desta mesma cidade, Elias Souto Antônio Ferreira Souto, que, todo absorto nos serviços tipográficos, depois que aqui montou um prelo, ou um pelourinho, onde nem se quer respeita-se a honra das famílias, vive completamente distraído das obrigações do seu magistério (BRADO CONSERVADOR, 1877, p. 3).

Como estratégia para minar a imagem do professor, os aliados de Antônio Soares questionaram as habilidades de Elias Souto como docente, usando esse argumento na tentativa de afastá-lo definitivamente da cidade, utilizando-se, para isso, de todas artimanhas possíveis para desqualificar Elias Souto como líder do Partido Conservador.

Enquanto um grupo buscava afastá-lo da cidade, minando seu prestígio perante a sociedade, Elias Souto se firmava mais ainda na localidade. Uma evidência dessa afirmação é a sua nomeação para o Correio Público de Açu, concedida pelo então diretor geral da entidade¹², em janeiro de 1878.

Após a nomeação de Elias Souto para o Correio Público, os ataques a ele se intensificaram. O *Brado Conservador* continuou desqualificando Elias Souto em qualquer atividade que ele realizasse. O objetivo do jornal era destituir Elias Souto como líder e retirá-

¹² Não conseguimos encontrar o nome do diretor.

lo definitivamente de Açú. O principal argumento era o de que um homem *sem moral* não poderia nem instruir as crianças da cidade e, tampouco, trabalhar no Correio Público.

É importante destacar que a atitude de Elias Souto como professor vinculava-se também a bandeiras de luta em favor do magistério. Quando da fundação do *Jornal de Açú*, Elias Souto afirmou que:

O Jornal de Açú tem mais uma importante e grande missão a desempenhar, e um elevado compromisso que quer contrair com o professorado da província máxima e da instrução primária, do qual constitui-se órgão de seu direito e de suas necessidades, abrindo espaço em suas colunas a sua legítima defesa. (BRADO CONSERVADOR, 1877, p. 2).

Ao longo do não de 1880, Elias Souto foi denunciado diversas vezes para o Juiz de Direito da cidade, João Antônio de Farias, substituto do Dr. Maranhense. Na tentativa de convencer o Juiz, o *Brado Conservador* utilizou o argumento de que Elias Souto exercia concomitantemente as funções de professor público, advogado, curador de depositário e administrador dos bens do Senhor do Bonfim, o que era ilegal. Contudo, Elias Souto possuía laços de amizade com João Antônio de Faria, que havia concedido autorização para que ele pudesse advogar. A partir disso, podemos inferir que a relação entre eles era boa e, possivelmente em razão disso, o juiz negou a solicitação de Antônio Soares.

Além de criticar Elias Souto, o *Brado Conservador* também denunciou que o próprio era bem relacionado com muitos vereadores da Câmara Municipal e que, por isso, eles não davam prosseguimento às denúncias feitas contra Souto. Com vistas a solucionar tal impasse, foi feito no dia 11 de julho de 1880 um abaixo-assinado pedindo a transferência de Elias Souto do cargo de professor do primário.¹³ O abaixo assinado foi entregue ao presidente da província, Alarico José Furtado, pelas mãos do próprio Antônio Soares Macedo.

Tomando por base quem estava liderando a produção do abaixo-assinado, Antônio Soares de Macedo, é possível afirmar que os indivíduos que o assinaram eram, em sua maioria, pertencentes à ala do Partido Conservador liderada por Antônio Soares. Dessa forma, traçamos também a rede de sociabilidade com a qual Elias Souto rivalizava, composta por Luiz Francisco de Araújo Picado, Luís Correia de Araújo Furtado, Antônio Soares de Macedo, Manoel Pereira Guimarães, Joaquim de Sá Leitão, Luís Gomes de Amorim, João

¹³ O abaixo-assinado está na edição do jornal *Brado Conservador* publicado em 30 de agosto de 1880, na página 2. De acordo com a legislação vigente na época, um professor primário só poderia ser transferido uma vez ao longo de sua carreira. Caso fosse transferido mais de uma vez, o pedido desconsiderado e o professor perdia o emprego.

Henrique Martins da Silva, Manoel Candido Maciel de Brito, João Soares de Macêdo, Luís José Soares de Macêdo, Pedro Soares de Macêdo e João Candido Maciel de Brito. Nota-se o papel central da família “Soares Macêdo” contra Elias Souto na disputa interna do Partido.

Apesar da campanha assídua a favor do remanejamento do professor, o presidente da província não respondeu como demandava as expectativas do grupo de Antônio Soares. Após quatro meses do envio do abaixo assinado, o jornal *Brado Conservador* reclamava a falta de posicionamento do presidente da província e a necessidade de uma solução urgente para a situação (BRADO CONSERVADOR, 1880, p.3).

ELIAS SOUTO E A ELEIÇÃO DE 1880

A eleição municipal para os Juízes de Paz e vereadores estava marcada primeiramente para dia 1º de julho de 1880. Devido a mobilizações do grupo liberal, a eleição foi adiada, e só aconteceu no dia 15 de setembro. Acontecida a eleição, os vereadores eleitos foram Manoel Pereira Guimarães¹⁴ com 155 votos; Joaquim de Sá Leitão, com 153 votos; Antônio Soares de Macêdo, 146 votos; João Rodrigues de Melo, com 144 votos, Luís Gomes de Amorim, 140 votos; João Henrique Martins da Silva, com 136 votos; Manoel Pereira de Farias, com 136 votos; Manoel Candido Maciel de Brito, 133 votos; João Arruda da Câmara, 133 votos. Enquanto que os Juízes de Paz eleitos foram: Luiz Francisco de Araújo Picado, com 121 votos; Pedro Soares de Araújo, com 125 votos; João Candido Maciel de Brito, 118 votos; Manoel Marreiro Pessoa, 116 votos.

Tal eleição significou uma grande derrota para Elias Souto e sua ala do Partido Conservador. Como é possível perceber, somente um indivíduo, João Arruda Câmara, citado por Elias Souto como pertencente ao seu grupo no Partido Conservador ganhou o cargo de vereador. Dos nove vereadores eleitos, seis participaram da campanha organizada por Antônio Soares para remove-lo da cidade¹⁵. Além dos vereadores, dos quatro juízes de paz, três também participaram da campanha,¹⁶ assinando o abaixo assinado encaminhado para o

¹⁴ O vereador mais votado se tornava por conseguinte presidente da Câmara.

¹⁵ Os personagens eleitos para vereadores que rivalizavam com a ala do Partido Conservador liderada por Elias Souto, eram: Manoel Pereira Guimarães, Joaquim de Sá Leitão, Luís Gomes de Amorim, Antônio Soares de Macêdo, João Henrique Martins da Silva e Manoel Candido Maciel de Brito.

¹⁶ Entre os Juízes de Paz, o único que não compunha esta rede de desafetos contra a ala liderada por Elias Souto, era o Juiz, recém-eleito, Manoel Marreiro Pessoa. Entretanto, isso não indica que o referido juiz pertenceria a ala de Elias Souto, ou que ele era amigo do mesmo.

presidente da província. Nesse sentido, a eleição desses personagens significava para Elias Souto uma grande derrota, na medida em que os membros do Partido Conservador eleitos o queriam distante da cidade, e fora do Partido Conservador de Açú.

O resultado das eleições também não agradou o Partido Liberal, sobretudo a ala liderada pela família Lins Wanderley¹⁷, que não obteve nenhuma representação. Nesse momento, Elias aproximou-se dessa ala do Partido Liberal, e pediram a nulidade das eleições. Indo para o julgamento em primeira instância no próprio município, o recém-chegado *Juiz de Direito da Comarca*, Dr. Lourenço Justiniano Tavares de Hollanda, reconheceu a validade das eleições. O *Brado Conservador* rasgou elogios ao procedimento do juiz Tavares de Hollanda, que admitindo a legalidade das eleições, privilegiou os interesses do grupo liderado por Antônio Soares Macedo. Ao falar do juiz, o um dos articulistas do jornal afirmou que

O dr. Lourenço Justiniano Tavares de Hollanda, juiz municipal e atual interino de direito da comarca de Assú, na Província do Rio Grande do Norte, está sendo vil e covardemente atassalhado no seu caráter de juiz. Distinto pelo seu cavalheirismo a toda prova, prendado nas mais qualidades cívicas e morais, sacrificando suas opiniões políticas pela causa da justiça e da imparcialidade (BRADO COSERVADOR, 1881, p.1).

Inconformado com a decisão do Juiz Tavares de Hollanda, Elias Souto e a família Lins Wanderley recorreram ao Supremo Tribunal da Relação do Distrito que, num primeiro momento, ratificou a decisão da primeira instância. No entanto, após a inclusão de novas provas no processo, o Supremo Tribunal da Relação do Distrito deu parecer favorável à nulidade das eleições.

Nesse período, o *Brado Conservador* promoveu uma forte campanha contra a decisão do Supremo Tribunal da Relação do Distrito., divulgando uma série de registros que comprovavam que a adulteração dos documentos que haviam sido enviados para o Supremo Tribunal. Segundo o jornal, essa documentação havia sido adulterada pelo funcionário do correio Alpheu Lins Wandelely. Após essa denúncia, foi aberto um processo que ficou conhecido como “Processo Alpheu”, que reconheceu oficialmente o envio de documentação fraudulenta. Apesar de não conseguirmos detalhes sobre o processo, nem quais as consequências legais deste, ao que tudo indica foi por causa desta ação que Elias Souto saiu da cidade, com destino a Macau, onde morou entre os anos entre os anos de 1885 e 1890.

¹⁷ A partir do trabalho realizado, percebemos que o Partido Liberal também estava cindido. No entanto, não nos aprofundamos na questão, por considera-la fora do escopo deste artigo.

CONCLUSÃO

A partir do trabalho realizado, é possível evidenciar algumas conclusões, sendo as quatro primeiras um reflexo da dissidência interna do Partido. A primeira conclusão é que existia um Partido Conservador em Açú, em 1876. Com o retorno de Elias Souto à cidade, houve uma cisão no partido, e ele, junto com o Juiz da cidade, Dr. Maranhense, passou a organizar uma oposição sistemática ao grupo dirigente, liderado por Antônio Soares de Macedo.

A segunda conclusão é que a estratégia usada por Elias Souto e Dr. Maranhense para fazer oposição ao grupo de Antônio Soares de Macedo foi a criação de um jornal chamado *Jornal de Açú*, que se contrapunha ao *Brado Conservador*, periódico pertencente a Antônio Soares de Macedo. Nesse sentido, os jornais se configuraram como palco primordial nas análises das estratégias adotadas por esses indivíduos.

O segundo elemento de conclusão foi que dentre as estratégias que foram utilizadas pelos dois grupos, identificamos algumas que nos chamaram a atenção. Por parte de Antônio Soares Macedo, o fato dele se utilizar da profissão de Elias Souto para tentar deslegitimá-lo frente ao restante do grupo e do partido. Interessante nas estratégias adotadas por Elias Souto foi o uso de suas redes de sociabilidade, bem como a mudança destas no momento em que isso significou para ele uma possibilidade de mudar o cenário de derrota eleitoral a qual ele estava inserido.

A terceira conclusão é que os partidos não expressavam posições ideológicas nem doutrinárias. A ausência desses posicionamentos também podia ser notada nos periódicos organizados pelas duas facções existentes no seio do Partido Conservador. Essa mesma lógica também explica o fato de indivíduos do Partido Conservador, como Elias Souto, terem se aliado a membros do Partido Liberal, circunstancialmente.

Na medida em que buscamos compreender as estratégias adotadas pelos grupos, foi-se desenhando as redes de sociabilidade do personagem estudado. Nesse sentido, tomando como eixo de investigação o indivíduo, é possível compreender que este se articulava com diferentes sujeitos, de diferentes partidos, na medida em que se deparava com novas situações.

A quarta conclusão diz respeito ao fato de que no século XIX, em Açú, as articulações políticas estavam diretamente vinculadas às práticas presentes no cotidiano.

Nesse sentido, eram mobilizados aspectos das vivências dos homens como instrumentos para a mobilização política. Pode-se citar, por exemplo, o caso de Elias Souto, que era desqualificado como docente pelos seus opositores, com o intuito de denegrir as suas posições políticas.

A conclusão final deste trabalho é que só é possível compreender as relações de poder no século XIX se associarmos as disputas partidárias às práticas culturais vigentes naquele período. Nesse sentido, pode-se afirmar que as disputas familiares, os embates por prestígio e poder estavam acima dos interesses coletivos que poderiam nortear a organização de um partido político.

FONTE (PERIÓDICO)

BRADO CONSERVADOR, Assú (1877-1882).

JORNAL DO ASSÚ, Assú (1877).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRAGHI, Paulo Vitor Sauerbronn. **José Leão Ferreira Souto e a construção da identidade potiguar na transição do século XIX para o século XX**. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-363.

BUENO, A. C.. **Visões de República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)**. 1. ed. Natal/RN: EDUFRN, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1955.

FALCON, FRANCISCO. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org). **Domínios da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 55- 82.

GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

LIMA, Nestor do Santos. **Municípios do Rio Grande do Norte: Areia Branca, Arez, Assú e Augusto Severo**. 1. ed. Mossoró/RN: ESAM, 1929.

LINDOSO, José Antônio Spinelli. **Da oligarquia Maranhão à política do Seridó: o Rio Grande do Norte na velha República**. Natal/RN: EDUFRN, 1992.

LIRA, Tavares. História do Rio Grande do Norte. Natal: **Instituto histórico e geográfico do Rio Grande do Norte**, 1919.

POMBO, Rocha. **História do estado do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1920.

SOUZA, Adriana Barreto. **Duque de Caxias: o homem por trás do monumento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Artigo recebido em março de 2018. Aprovado em junho de 2018.